

## UM ESTUDO ESTILÍSTICO DO AMOR EM ARROJOS, DE CESÁRIO VERDE<sup>55</sup>

### A STILISTIC STUDY OF LOVE IN AROJOS, BY CESÁRIO VERDE

Wilder Kleber Fernandes de Santana\*

Weslei Chaleghi de Melo\*\*

Luciano Mendes Saraiva\*\*\*

**RESUMO:** Esta pesquisa delimitou como objetivo analisar, sob horizonte de estudos estilísticos dialógicos, um poema de Cesário Verde, que faz parte da obra *O Livro*. Com isso, buscou-se verificar como são construídas representações sógnicas do amor no poema *Arrojos*. A proposta estilística tem trazido grandes contribuições para o terreno literário, e, por vias da Teoria Dialógica da Linguagem, incidimos sobre a obra de Cesário Verde na formação da poesia modernista de língua portuguesa. Para atender às expectativas de pesquisa, buscamos subsídio teórico-metodológico nos postulados de Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1920-24]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]), bem como interlocutores em terreno brasileiro. Em busca de cumprir nosso objetivo, primeiramente, foi realizada a leitura dos traços composicionais do poema. Após isso, adentramos no conteúdo, em que incidimos, sob olhares estilísticos, sobre a construção do amor para compreender o contexto de produção do poema. Em seguida, averiguamos, sob lentes estilísticas de vertente dialógica, as especificidades do amor nas referidas obras.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa. Estilística. Poema. Cesário Verde.

**ABSTRACT:** This research delimited as objective to analyze, under the horizon of dialogic stylistic studies, a poem by Cesário Verde, which is part of the paper *O Livro*. With this, we sought to verify how symbolic representations of love are constructed in the poem *Arrojos*. The stylistic proposal has brought great contributions to the literary field, and, through the Dialogical Theory of Language, we focus on the paper of Cesário Verde in the formation of modernist poetry in the Portuguese language. To meet

---

<sup>55</sup> O presente estudo foi revisado e ampliado com o apoio da FAPESQ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba), Pós-doutorado no País – BLD-PDRP.

\* Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling- UFPB. Realiza Estágio Pós-Doutoral com bolsa pelo PROLING - UFPB junto à FAPESQ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba). Sua área de estudos se direciona para o Discurso e a Religião. E-mail: wildersantana92@gmail.com

\*\* Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduado em Letras- Língua Portuguesa pela UEL. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Miraselva – PR.

\*\*\* Professor Adjunto II do Centro de Educação, Letras e Artes (CELA), da Universidade Federal do Acre (UFAC). Docente do curso de Licenciatura em Letras Espanhol. Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com pesquisa em Estudos Culturais e América Latina.

research expectations, we seek theoretical and methodological support in the postulates of Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1920-24]), Medvedev (2016 [1928]) and Voloshinov (2017 [1929]), as well as interlocutors in Brazilian terrain. In order to fulfill our objective, first, the reading of the compositional features of the poem was carried out. After that, we enter the content, in which we focus, under stylistic views, on the construction of love to understand the context of production of the poem. Then, we investigate, under stylistic lenses of dialogical aspect, the specificities of love in the aforementioned paper.

**Keywords:** Portuguese Literature. Stylistics. Poem. Cesário Verde.

## 1. Introdução

Falar na obra literária de Cesário Verde (1855-1886) é referir-se ao escopo estético de um dos nomes mais representativos da literatura portuguesa. O autor em questão recebeu influência de grandes nomes da literatura como Baudelaire (1821-1867) e Victor Hugo (1802-1885), trazendo, no bojo de suas poesias, diversas problemáticas ligadas às questões/relações de cunho social. A poesia de Verde emerge da transição entre o Romantismo e o Realismo e, além disso, tanto a estética modernista, quanto a simbolista, trazem, mesmo que sutilmente, vestígios da influência desse autor. No que diz respeito aos aspectos temáticos de sua obra, esta é via de análise para diversos tópicos que tratam representações e simbolismos, como o amor transcendente e o antagonismo sentimental (MOISÉS, 2008 [1972]), temas que estão na proposta discussão deste artigo.

Por mais que a questão social faça-se emergir notoriamente na poética de Cesário Verde, este trabalho traça um recorte em sua obra, focalizando algumas representações do amor materializadas no poema *Arrojos* (1887) a partir de estudo estilístico de vertente dialógica. Traçando um estudo sob parâmetros estilísticos, é possível observar a alternância entre a representatividade desse sentimento ligadas à subjetividade do autor, que constrói a percepção do eu lírico, ora demonstrando a essência interna do amor, como autossuficiente e justificável, ora seu caráter que vai além da percepção do homem, acima de sua racionalidade. A partir desse ponto é possível aferir, na arquitetura do poema (BAKHTIN, 2006 [1979]), a presença da imanência e da transcendência, difundindo elementos que conferem a compleição do símbolo, haja vista que o aspecto simbólico, para Bakhtin, está ligado à dimensão estética da linguagem (BAKHTIN, 2012 [1920-24]).

O objetivo deste trabalho consiste em analisar, sob horizonte de estudos estilísticos dialógicos, o poema *Arrojos* (1887), de Cesário Verde, que faz parte da obra *O Livro*. Em busca de cumprir nosso objetivo, primeiramente, foi realizada a leitura dos traços composicionais do poema. Após isso, adentramos no conteúdo, em que incidimos, sob olhares estilísticos, sobre a construção do amor para compreender o contexto de produção do poema. Desse modo, esse estudo se insere em uma área de investigação que busca subsídio teórico-metodológico nos pensamentos de Bakhtin (2006 [1979]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]), assim como seus estudiosos em terreno vernáculo, como Francelino (2007), Brait (2012), Almeida (2013) e Santana (2019).

Nesse íterim de discussões, estruturamos o artigo em quatro seções, a contar da Introdução. A seção 2), intitulada *A estilística sob vertente dialógica e sua contribuição aos estudos literários* realiza uma discussão teórica sobre a perspectiva estilístico-dialógica dos estudos da linguagem, com especificidade no terreno literário. A seção 3) *A poesia do cotidiano e Cesário Verde* traça as condições histórico-ideológicas de construção do poema de Verde. A seção 4) *Um estudo estilístico do amor em Arrojos* consiste na parte analítica, em que averiguamos, sob lentes estilísticas de vertente dialógica, as especificidades do amor na referida obra.

## **2. A estilística sob vertente dialógica e sua contribuição aos estudos literários**

Das produtivas contribuições da abordagem estilística dos estudos da linguagem, ganha destaque a postura responsável e responsiva assumida pelos pesquisadores, os quais se propõem a problematizar o método formal dos estudos literários (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), pois entendemos que o formalismo na literatura se pauta em concepções imanentes e tradicionais de ensino, primordialmente quanto ao mecanismo das narrativas e poéticas literárias. O próprio termo *formal* agencia práticas de análise isoladas e fechadas, cuja concepção de língua é de pura coisa morta (BAKHTIN, 2006 [1979]). Sobre a importância de recorrermos à abordagem dialógica para compreender produções poéticas em sua dimensionalidade histórica, tornou-se imperativo recorrermos ao manuscrito *O dialogismo como potencial teórico-metodológico ao ensino (de literatura): no horizonte de Bakhtin e o Círculo* (SANTANA;

MIOTELLO, 2020), o qual explicita a importância de se explorar as fronteiras discursivas do texto.

Sob âmbito estilístico, em perspectiva dialógica, uma obra literária não pode ser analisada de forma fragmentada, mas o todo e as partes devem ser correlacionados. Nas lentes de Volóchinov, para quem o estilo é o produto da interrelação de sujeitos organizados no discurso, “(...) o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (VOLÓCHINOV, 1976, p. 15). Em mesma linha interpretativa, Bakhtin compreende que “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 297). Nesse sentido, este atuaria como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo, de forma que pode assumir relações de rejeição, confirmação, completude etc, (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Na percepção de Bakhtin, não há enunciado isolado, pois toda e qualquer palavra lançada já é permeada de atravessamentos discursivos. O fato de um enunciado já se constituir como uma resposta a enunciados antecedentes, isso também em construções poéticas e narrativas romanescas, pressupõe o princípio da Interação. Segundo Puzzo (2013, p. 263) “para Bakhtin o conceito de estilo não está ligado apenas ao sujeito, mas está relacionado com o público leitor, portanto com o horizonte social de sua audiência” e, dessa forma “o ensino de gramática deve estar vinculado à prática, portanto à língua em uso, num movimento dialógico e interativo” (PUZZO, 2013, p. 264). Nesse direcionamento, entendemos que uma análise estilística não deve se nortear apenas por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, “mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 229).

Esse princípio da interação verbal ou discursiva, que pressupõe eu e o outro, é decorrente dos estudos de Bakhtin no terreno da literatura, o que o impulsionou a desenvolver (ativamente) o conceito de dialogismo em contraposição à percepção monológica da enunciação (SANTANA; MIOTELLO, 2020). Sob ótica da estilística

dialógica, um dos pontos de partida para estudar fenômenos literários, bem como o reconhecimento de uma ciência das ideologias (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) foi o combate aos “[...] estudiosos de então, marxistas, linguistas, psicólogos e teóricos em geral das Ciências Humanas, ao colocar a questão da ideologia, ora na consciência, ora como um pacote pronto, advindo do mundo da natureza.” (MIOTELLO, 2013, p. 168).

Então, quais seriam as grandes contribuições da estilística sob vertente dialógica para os estudos literários? Na medida em que a estilística bakhtiniana nos coloca em contato direto com o autor (criador) e seu processo criacional, proporciona aos pesquisadores ter ciência dos elementos componentes do enunciado. Na ótica bakhtiniana, “cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções.” (BAKHTIN, 2015, p. 69). Nessas instâncias interpretativas, quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos os aspectos da poética irão degenerar em escolasticismo (BAKHTIN, 2013).

Em contrapartida a uma perspectiva formalista e mecanicista dos estudos literários, ancoramo-nos em Santana, para quem as imersões estilísticas em abordagem dialógica “não apenas caracterizam o sujeito enquanto plural, mas conferem potencialização para o diálogo, uma vez que destaca a intersubjetividade da consciência” (SANTANA, 2018, p. 82). Ao selecionarmos, portanto, o poema **Arrojos** para análise, procedemos em anuência com essa perspectiva advinda do pensamento de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, em termos de uma constituição sócio-histórica do enunciado.

### 3. A poesia do cotidiano e Cesário Verde

Segundo Moisés (2008 [1972]), a poesia do cotidiano encontra-se parcialmente relacionada com a poesia do realismo. Por essa nomenclatura, entende-se a intenção não consciente e não programática de romper com as regras tradicionais do arranjo estético (caracterizados por uma certa “nobreza” e a aceitação de um escopo rígido de valores). Nessa poesia, caracteriza-se ainda “a fixação dos aspectos da realidade considerados até então apoéticos ou, pelo menos, alíricos” (MOISÉS, 2008 [1972], p. 215). Ainda na percepção do crítico literário,

Noutros termos, significava uma novidade meio à ovo de Colombo: a poetização do prosaico, do cotidiano, daquilo que parece ter pouca significação para o homem prático, acomodado e despreocupado de outros problemas que não os da subsistência fisiológica (MOISÉS, 1972, p. 216).

Sendo assim, a poesia do cotidiano apresenta em si um caráter de imanência, uma vez que o eu lírico apenas poetiza aquilo presente em sua realidade imediata, dentro dos limites da experiência possível. Em decorrência disso, explica Moisés (1972), há, pela primeira vez, uma atenção maior do lirismo para o prosaico diário, inclusive nos aspectos mais reprováveis, grotescos e burlescos ou até mesmo fora do interesse poético habitual. Ao mesmo tempo, essa atitude do lirismo corresponde à tentativa de fazer uma poesia de caráter objetivo, focada no objeto em detrimento do sujeito, caracterizando uma mudança do eixo de interesse para fora do “eu” do poeta.

Las Fleurs du Mal (1857) não são uma lírica de confissão, um diário de situações particulares, por mais que haja penetrado nelas o sofrimento de um homem solitário, infeliz e doente. Baudelaire não datou nenhuma de suas poesias, como o fazia Victor Hugo. Não há nenhuma só que possa explicar-se em sua própria temática a base de dados biográficos do poeta. Com Baudelaire nasce a despersonalização da lírica moderna, pelo menos no sentido que a palavra lírica já não nasce da unidade da poesia e pessoa empírica, como haviam pretendido os românticos, em contraste com a lírica e muitos séculos anteriores (FRIEDRICH, 1978, p. 36-37).

A alteração do interesse poético para fora do “eu” do poeta encontra respaldo e influência na poesia de Charles Baudelaire, que apresentou o fenômeno de despersonalização como uma forma de romper a romântica unidade entre poesia e poeta (pessoa empírica), abrindo caminho para a modernidade. Para Moisés (2008 [1972]), apesar dessa nova lírica do cotidiano se aproximar da realidade, ela não apresentava preocupação social e recorria aos mesmos temas comuns do romantismo sentimental, realizando “uma poesia debruçada sobre os motivos situados fora e não dentro do poeta. Quase uma despoetização do ato poético, a poesia do cotidiano nasceria da impressão que o fora deixa no dentro do artista” (MOISÉS, 1972, p. 216). O realizador da poesia do cotidiano em Portugal foi Cesário Verde.

Apesar da curta e anônima vida, uma série de fatores permitiu o reconhecimento da autonomia e grandeza da poesia de Verde, por exemplo, a postura

lírica quanto a realidade, herdada de Baudelaire. Desse modo, esclarece Moisés (2008 [1972]), Cesário Verde encontra-se na transição entre o romantismo e o realismo e serve também como base para alguns posicionamentos que estarão em voga nas estéticas simbolista e modernista.

Ao trazer à baila o caráter social e existencial na obra de Cesário Verde, é imprescindível ressaltar no presente estudo a peculiaridade do texto artístico em comparação com o que é cotidiano e corriqueiro, sendo que elementos comuns são retratados em uma modalidade de texto que – segundo Lotman (1978, p. 44) - foge ao uso comum da língua, passando por uma “semantização dos elementos extra-semânticos (sintáticos) da língua natural”. Em ancoragem estilística, além de esses aspectos direcionarem sentidos múltiplos, “[...] os tipos de discurso levam em conta mudanças por culturas e épocas [...] seriam as condições de percepção do som, as condições de identificação do signo, as condições da compreensão assimiladora da palavra.” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 369).

Nota-se que a poesia do cotidiano de Cesário Verde caracteriza-se pelo viés da representatividade de tudo aquilo que está evidente na realidade experimental, sensível. Por outro lado, o autor, ao lidar com o sentimentalismo, seja de qual for sua natureza, traz para próximo da realidade do eu lírico descentralizando o foco para fora do eu poético. A seguir, adentremos em um estudo estilístico do amor no poema *Arrojos*.

#### **4. Um estudo estilístico do amor em *Arrojos***

Antes de adentrarmos à análise, importa mencionar que a perspectiva estilística advinda dos escritos de Bakhtin (2006 [1979]) demarca a importância de se verificar as incidências do posicionamento autoral e dos elementos do enunciado para compreensão do todo. Quando discute sobre a interação discursiva, Volóchinov reflete e averigua sobre como é construído o *horizonte ideológico* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 214) sempre que o autor/compositor recorre a outras vozes para corroborar seu discurso, e isso não é diferente no âmbito da poética.

Segundo Carter (1989), em *Arrojos*, nota-se a dualidade entre desejo e negação quanto ao amor físico, mas a figura da mulher já não é mais castigada como em outros poemas de “O Livro”, havendo apenas “o desejo do elemento físico na

relação em causa e a impossibilidade de o alcançar” (CARTER, 1989, p. 129). Assim, a faceta transcendente do amor é marcada justamente na impossibilidade de alcançar o plano em que se encontra esse sentimento. Para criar tal efeito de sentido, Cesário Verde utiliza-se da hipérbole constantemente: “Eu domaria o mar que enfurece; E escalaria as nuvens rendilhadas” (VERDE, 1887, p. 192).

O direcionamento que tomamos para a análise está nos apontamentos circunscritos por Bakhtin e reacentuados por Puzzo (2013), Almeida e Santana (2018), os quais compreendem que a noção de estilo bakhtiniana parte da análise da relação interindividual, da presença de múltiplas vozes, da ação responsiva do locutor e interlocutor que permite o desvelamento de sentidos plurais no texto.

Exponha-se, portanto, o poema seletivo para análise:

### **Arrojos**

*Se a minha amada um longo olhar me desse  
Dos seus olhos que ferem como espadas,  
Eu domaria o mar que se enfurece  
E escalaria as nuvens rendilhadas.*

*Se ela deixasse, extático e suspenso  
Tomar-lhe as mãos mignonnes e aquecê-las,  
Eu com um sopro enorme, um sopro imenso  
Apagaria o lume das estrelas.*

*Se aquela que amo mais que a luz do dia,  
Me aniquilasse os males taciturnos,  
O brilho dos meus olhos venceria  
O clarão dos relâmpagos noturnos.*

[...]

*E se aquela visão da fantasia  
Me estreitasse ao peito alvo como arminho,  
Eu nunca, nunca mais me sentaria  
As mesas espelhentas do Martinho.  
(VERDE, Cesário. 1887)*

Tendo como base os pressupostos de Bakhtin em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (2010 [1930-34]), faz-se necessário que um analista/pesquisador explore as fronteiras discursivas do texto. Em outras palavras, que busque explorar não apenas a forma (se é soneto, verso livre, haicai) nem o material (verbal ou imagético, escultura de mármore ou de madeira), mas sobretudo

todos esses elementos interligados ao conteúdo situado historicamente (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). Conforme Santana (2018), é no imergir do conteúdo que surgirão todos os diálogos possíveis com outros discursos, os quais se dão nas fronteiras dos enunciados.

De um ponto de vista da forma composicional, percebe-se que todas as estrofes são iniciadas pela partícula “se”, a fim de provocar a ideia de que o eu lírico apenas pensa e idealiza as atitudes de sua amada e os esforços que ele depreenderia por ela. Em perspectiva estilística “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo” (BAKHTIN, 2013, p. 23). Dito isso, refletimos: o que propõe a estilística bakhtiniana ao ensino de línguas? “Ajudar os alunos a entender o que muda quando escolho esta ou aquela palavra, esta construção sintática em lugar de outra” (BAKHTIN, 2013, p. 14).

Inicialmente, em uma perspectiva da construção temática, edifica-se um sentimento de interdependência do outro para o agir concreto: “*Se a minha amada um longo olhar me desse/ Dos seus olhos que ferem como espadas...*”. A condicionante “se” indica a condição única de que esse “eu” tome uma posição diante de seus enfrentamentos. O sentimento está na base arquitetônica do “outro-para-mim”, mas um amor sustentado na base do idealismo estético advindo de traços platônicos e neoplatônicos (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Percebe-se, nos versos a recorrência a elementos da natureza a fim de demonstrar as dimensões do amor sentido pelo eu lírico. Então, com a intervenção dessa amada, com seu olhar, até mesmo *o mar furioso seria domado e as nuvens delicadas seriam escaladas* para a concretização desse amor. Castro (1990) compreende que “A mulher amada - em geral idealizada e por isso mesmo quase inacessível – vem quase sempre relacionada com a natureza” (CASTRO, 1990, p. 21). Na compreensão do pesquisador, até mesmo o mundo objetivo se torna “o referimento para o canto amoroso, e a subjetividade do poeta se reserva tão somente como representação reflexa da natureza admirada” (CASTRO, 1990, p. 21).

Isso nos remete ao escrito de Bakhtin sobre o *corpo como valor, em discurso interior* quando aborda sobre os processos axiológicos de constituição do sujeito, em

que traz os atos de afeto como determinantes nesse processo: “Os *diversos atos de atenção, amor e reconhecimento* de meu valor a mim dispensados por outras pessoas e disseminados em minha vida como que esculpíram para mim o valor plástico do meu corpo exterior” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 46, grifos nossos).

*Se ela deixasse, extático e suspenso/ Tomar-lhe as mãos mignonnes e aquecê-las,/ Eu com um sopro enorme, um sopro imenso/ Apagaria o lume das estrelas.* Nos versos destacados, verifica-se uma correlação entre a mulher amada e a natureza, uma espécie de representação refletida e refratada (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) do prazer do eu-lírico. A sublimação da mulher, bem como a interdependência desse outro sujeito são traços característicos desse amor ultrarromântico, como se verifica a seguir:

*Se aquela que amo mais que a luz do dia,  
Me aniquilasse os males taciturnos,  
O brilho dos meus olhos venceria  
O clarão dos relâmpagos noturnos.*

Mais que isso: esse processo empático encontrou pouso na amada, de forma que o sujeito enunciador não encontra forças em si mesmo para prosseguir. Caso, por parte da amada, houvesse um retorno, uma reciprocidade, isso serviria de combustível para que o eu-lírico ganhasse vida, aptidão para alcançar até mesmo o impossível: *vencer o clarão dos relâmpagos noturnos.*

Sob perspectiva estilística, alcança-se que esse amor transcendental não é solidificado em terrenos teóricos da racionalidade, apesar de conter traços do que propõe Henri Bergson em *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1988), sobre os elementos da teoria da intuição. Para Bakhtin, “o conhecimento racional reaparece como elemento necessário (teoricismo) na intuição, da maneira como esta noção é efetivamente empregada por Bergson” (p. 55). Os excessos da postura romântica proporcionam a ausência de objetividade e de singularidade desse eu: “o teoricismo fatal – a abstração do meu eu singular – ocorre também na ética formal: aqui, o mundo da razão prática é em realidade um mundo teórico, e não o mundo no qual o ato é realmente executado” (BAKHTIN, 2010 [1920-24], p. 77). Conforme Moisés (1972), a relação de adversidade com a natureza manifesta-se

constantemente nas metáforas de Verde, demonstrando um amor capaz de sobrepor até mesmo a natureza, símbolo de um poder incontrolável para os românticos.

Para Carter (1989), no poema *Arrojos*, a dicotomia real-fantástico é apenas implícita, e provém não dos tempos e modos verbais, mas das imagens criadas pelo eu lírico, as quais permitem a funcionalidade da dimensão do fantástico.

E se aquela visão da fantasia  
Me estreitasse ao peito alvo como arminho,  
Eu nunca, nunca mais me sentaria  
As mesas espelhentas do Martinho (VERDE, 1887, p. 192).

O eu lírico, por sua vez, não precisaria mais buscar consolo no café Martinho e, desse modo, nota-se que os aforismas amorosos proferidos pelo eu-lírico saem temporariamente do campo do transcendente e recaem sobre a realidade na forma de uma experiência real de contato, afinal de contas, “A avaliação social leva-nos além dos limites do enunciado para outra realidade. A presença da palavra é apenas um apêndice de outra presença” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 190). A esfera imanente do amor apresenta-se também na possibilidade de redução desse sentimento a um sofrimento para o qual se busca consolo em um café, ao invés de um amor avassalador que deixa o eu-lírico sem rumo e lhe fere a alma. Tais movências compõem um panorama estilístico, pois, na ótica de Bakhtin, “Cada Palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda a interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos. O comentário. A índole dialógica desse correlacionamento” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 400).

Sendo assim, apesar de o eu lírico, admirado pelos traços mais naturais da dama que ele observa, tentar sobreviver por meio de um contato unilateral com essa mulher (ele apenas a observa de longe), percebe que o não retorno a si mesmo o adoeceria. Apenas no contato pleno com a mulher idealizada - com sua a delicadeza e a pureza de seus atos, a dama faz com que o eu-lírico tome consciência de sua própria podridão e purifique-se.

A perspectiva dialógica estilística nos impulsiona a compreender que “[...] o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação entre duas consciências (a do eu e a do outro); é o campo de encontro entre duas consciências, a zona do contato interior entre elas” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 395-396). Nessas circunstâncias, o

plano arquitetônico do poema demonstra a existência plena do “eu” a partir da interrelação com o outro, ainda que idealizado. O eu-lírico ganha novidade e força para viver no fruto da relação real e apreendida pelos sentidos, o que denota o caráter de transição da obra verdeana entre romantismo e realismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões explicitadas nesse manuscrito, foi possível compreender que a perspectiva estilística voltada para os estudos literários orienta para a necessária adoção de uma concepção interativo-social da linguagem, haja vista que propõe a reformulação de diferentes olhares para os gêneros, como é o caso da poesia. O horizonte estilístico tem cada vez mais contribuído para potencializar processos de ensino e aprendizagem de Línguas e de Literatura, em nosso caso específico, do poema seletivo que integra a obra de Cesário Verde.

Constatou-se, da análise do poema *Arrojo*, o dilema entre o amor físico e a impotência do eu lírico ao tentar alcançá-lo. Como traço dessa transitoriedade, percebemos a presença do sentimentalismo que, ao mesmo tempo, é intensificado por elementos perceptivos da natureza. Por fim, diante da especificidade de Cesário Verde, é refletida sobre as várias faces do amor, esperamos que nossa investigação impulse outros sujeitos a mobilizarem produções e práticas que veiculem sementes germinadoras para pesquisas no campo da Literatura, com práticas responsivas nas práticas comunicativas de linguagem.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979]. p.3-20.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

BERGSON, Henri. **Essai sur les données immédiates de la conscience**. 3.ed. Paris: PUF, 1988.

BRAIT, Beth. PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

CARTER, Janet E. **Cadências tristes**:O universo humano na obra poética de Cesário Verde. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

CASTRO, Sílvio. **O percurso sentimental de Verde**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990.

FRANCELINO, Pedro Farias. A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: problemas atuais e suas fontes. 2ª edição, SP: livraria duas cidades,1978.

LOTMAN, Iuri. **A Estrutura do Texto Artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MEDVIÉDEV, P. A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016a [1928], p.41-56.

MEDVIÉDEV, P. A linguagem poética como objeto da poética. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016b [1928], p.131-163.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin**: conceitos chave. 5. Ed, 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013. p.167-176.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura portuguesa**. São Paulo, Editora Cultrix, 10ª Ed. 2008 [1972]. 388p.

PUZZO. Miriam Bauab. Teoria dialógica da linguagem: o ensino da gramática na perspectiva de Bakhtin. **Linha D'Água**, v. 26, n. 2, p. 261-278, 2013.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. ISSN-1678-3182. Número 45, 2018, p.75-90.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Dialogismo em foco: variações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 84-93.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. MIOTELLO, Valdemir. O dialogismo como potencial teórico metodológico ao ensino (de literatura): no horizonte de Bakhtin e o Círculo. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, jan./jun. 2020, p. 53-69.

VOLÓCHINOV, Valentin. Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017a [1929]. p. 143-172.

VERDE, Cesário *in* Pinto, Silvia. **O livro de Cesário Verde: poemas**. 1987. Domínio Público. Disponível em: <<http://luso-livros.net/>>. Acesso em 01. Maio de 2019.

Recebido em: 05/05/2022.

Aprovado em: 14/07/2022.